

# Padrão não marcado de ordenação de circunstanciais temporais: Regularidades e divergências entre fala e escrita

Maria da Conceição de Paiva\*

Carla Gulpilhares\*\*

Luana Santos Lima\*\*

Patrícia Valéria Gomes\*\*

**Resumo** – Este artigo focaliza a variação na ordem de circunstanciais temporais em um corpus de fala e em um corpus de escrita, sob a perspectiva do conceito de marcação. Mostramos que, embora se possam depreender padrões de variação gerais e paralelos nas duas modalidades, diferenças quantitativas na exploração de uma ou outra forma de disposição sintagmática desses constituintes indicam a interferência das peculiaridades de produção de cada uma delas. Tanto no que se refere à ordem não marcada (ordem mais freqüente) dos circunstanciais temporais quanto aos seus contextos de uso, peculiaridades decorrentes da modalidade, do tipo de circunstancial (advérbio ou sintagma preposicional) e mesmo do gênero textual intervêm no sentido de determinar hierarquais de marcação distintas.

**Palavras-chave** – Ordenação. Variação. Circunstanciais. Fala. Escrita.

## 1. Introdução

A identificação das semelhanças e diferenças entre padrões de variação na fala e na escrita tem ocupado um espaço central nos estudos sociolinguísticos, pois contribui para identificar a forma como as especificidades de produção e organização de cada modalidade se refletem na configuração da variação e na trajetória de implementação de processos de mudança. No âmbito desses estudos, a variação na ordenação de constituintes ganha um interesse particular, pois envolve fenômenos em que, de forma aparentemente contraditória, convivem tendências de fixação e flexibilidade de ordem. Além disso, trata-se de fenômenos sujeitos a restrições de natureza diversificada (sintáticas, semânticas, discursivas).

---

\* Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Pesquisadora do CNPq. E-mail: paiva@club-internet.fr

\*\* Bolsistas de Iniciação Científica do CNPq.

Este artigo se inscreve nessa perspectiva, confrontando a variação na ordenação dos circunstanciais temporais na fala, representada por entrevistas sociolingüísticas, e na escrita, representada por diferentes gêneros de textos extraídos de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro. Procuramos mostrar que, embora se possam depreender padrões gerais de variação na posição dos circunstanciais temporais, paralelos nas duas modalidades, diferenças quantitativas na exploração de uma ou outra forma de disposição sintagmática desses constituintes são indicativas de interferência das peculiaridades de produção de cada uma.

Neste artigo, um eixo central de análise das equivalências e diferenças entre as duas modalidades é o conceito de marcação, segundo a versão proposta em GIVÓN (1990, 2001), CROFT (1990) e retomada em DRYER (1995) e SOBOKOWIAJ (2004). Na perspectiva desses autores, um elemento lingüístico ou uma ordenação não marcada de constituintes constitui uma opção *default*, caracterizável com base em critérios como maior frequência (Cf. GREENBERG 1966) maior distribuição, menor complexidade estrutural e contextos discursivo-pragmáticos mais neutros. Essa forma não marcada se opõe a outra mais marcada<sup>1</sup> que, por sua vez, é menos freqüente, possui menor distribuição e está associada a contextos discursivos mais marcados.

A oposição marcado x não marcado não pode ser entendida de forma absoluta. Como destaca CROFT (op. cit), essa oposição pode se apresentar de forma diferenciada em função da modalidade, do tipo de texto e do gênero discursivo. Nessa perspectiva, esse conceito pode ser tomado como um instrumento heurístico eficaz para a compreensão dos reflexos das propriedades sociocomunicativas e de organização lingüística na predominância de uma forma de ordenação em detrimento de outra ou outras. Ao longo deste artigo, mostramos que, apesar do acentuado paralelismo entre as duas modalidades tanto no que se refere à ordem não marcada (ordem mais freqüente) dos circunstanciais temporais quanto aos seus contextos de uso, peculiaridades decorrentes do tipo de circunstancial (advérbio ou sintagma preposicional), da modalidade e mesmo do gênero textual intervêm no sentido de determinar hierarquais de marcação distintas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, descrevemos as diferentes possibilidades de disposição sintagmática dos circunstanciais temporais na fala e na escrita e analisamos sua distribuição em amostras das duas modalidades. Na seção 3, abordamos as funções desempenha-

das por esses constituintes em correlação com a posição que eles ocupam na oração. Na seção 4, retomamos essas correlações, à luz das diferenças na forma de organização discursiva das modalidades falada e escrita.

## 2. A variabilidade na posição dos circunstanciais temporais

Como já mostraram diferentes autores (NEVES, 1992; ILARI et al., 1990; MARTELOTTA, 1996; MACEDO, SANTANCHÉ, 1998; FREITAS, 2001; PAIVA, 2002; BRASIL, 2005; PAIVA, no prelo), tanto na modalidade falada como na modalidade escrita do português, os advérbios e sintagmas preposicionais que introduzem coordenadas temporais podem ocupar diferentes posições na oração, como mostram os exemplos a seguir<sup>2</sup>:

a- Margem esquerda da oração (ME)

(1) **Em meia nove**, a gente ficamos um ano e meio sem perder para ninguém. (LF, Amostra Censo 80, Fal. 25)

(2) **No dia 31 de maio**, sua maior alegria é preparar a missa. (LE, JB, 8/03/04)

b- Entre sujeito e verbo (PM1)

(3) Minha mãe, **nesse tempo**, morava na Ilha do Governador, lá na Freguesia. (LF, Amostra Censo 80, Fal. 46)

(4) Luma de Oliveira, **no alvorecer do ano passado** [...] deixava a capa da revista e migrava para as páginas internas, onde estava ainda mais bela em blusinha amarela, o biquíni com as cores nacionais! (LE, JB, 09/03/04)

c- Entre verbo e objeto (PM2)

(5) ou se ele faz **agora** uma viagem a Montevideu, Argentina, vai a Santos. (LF, Amostra Censo 80, Fal. 14)

(6) Será normal termos, **em um pouco mais de um ano de legislatura**, 156 mudanças de partido (LE, JB, 09/03/04)

d- Margem direita da oração- MD

(7) Chegava em casa **às quatro horas da manhã**. (LF, Amostra Censo 80, Fal. 47)

(8) Os números de roubos e furtos de automóveis subiram demais **a partir de 02**. (LE, Extra, 04/06/03)

Essa flexibilidade dos circunstanciais é tratada, muitas vezes, como uma questão estilística, como se pode constatar na posição de Cunha (1975) para quem a ordem mais natural, seja qual for o sentido que se dê a esse termo, é a colocação dos circunstanciais, constituintes satélites, após os constituintes argumentais da oração (V + [compl.] + adv). A ordem Adv + V atende a um propósito de realce.

Assumindo uma perspectiva funcionalista, como a sugerida por PAYNE (1992), partimos do pressuposto de que, tanto na fala como na escrita, a flexibilidade na posição dos circunstanciais temporais resulta da ação conjunta de princípios ligados às relações entre constituintes da oração e à dependência entre termos nucleares e não nucleares (domínio sintático), a aspectos semântico-lexicais, a princípios ligados à forma de embalagem e de processamento da informação codificada, aos limites de atenção focal e às exigências de organização tópica. Envolve, portanto, as relações entre os participantes do ato de comunicação e os conhecimentos por eles compartilhados (cf. também COSTA, 2004; SHAER, 2004).

A análise controlada de uma amostra de fala semi-informal<sup>3</sup> e de textos jornalísticos (editoriais, crônicas e reportagens<sup>4</sup> permite concluir, antes de mais nada, que qualquer consideração a respeito da ordem não marcada dos temporais requer considerar não apenas as propriedades inerentes ao tipo de circunstancial, isto é, aos advérbios e sintagmas preposicionais, como também as peculiaridades de cada uma das modalidades. Consideremos os resultados da Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos circunstanciais temporais por posição

Tipo de circunstancial	Advérbios		Sintag. Preposicionais	
	Fala	Escrita	Fala	Escrita
Posição do circunstancial				
ME- Margem esquerda	134 = 43%	30 = 56%	255 = 46%	60 = 41%
PM1- Entre verbo e sujeito	65 = 21%	4 = 7%	32 = 5%	8 = 5%
PM2 – Entre verbo e objeto	56 = 18%	17 = 32%	126 = 22%	58 = 40%
MD- Margem direita	55 = 17%	2 = 3%	140 = 25%	19 = 13%
Total	293	53	556	145

Os resultados da Tabela 1 mostram que as posições exemplificadas de (1) a (8) são exploradas de forma desigual nas duas modalidades, dependendo, inclusive do tipo de circunstancial (advérbio ou Sprep)<sup>5</sup>. Assim, os advérbios temporais, paralelamente na fala e na escrita, apresentam

freqüências significativamente altas para ME (margem esquerda), com 43%, na fala e 56% na escrita, levando a crer, portanto que, do ponto de vista do critério de freqüência, essa é a posição não marcada desses constituintes<sup>6</sup>. As duas modalidades são equivalentes ainda na escassez de advérbios temporais na margem direita da oração.

As maiores divergências entre as duas modalidades aparecem na exploração das posições internas da oração. Na língua falada, praticamente se igualam as freqüências para advérbios temporais entre sujeito e verbo (PM1 = 21%), entre verbo e objeto<sup>7</sup> (PM2= 18%) e margem direita (17%). Na língua escrita, ao contrário, PM2 destaca-se como o segundo ponto preferencial de aterrissagem de circunstanciais temporais (32%) e PM1 como uma posição mais restritiva (7%).

Uma análise mais detida dos advérbios mais freqüentemente situados nas posições mediais permite verificar que aí se concentram, sobretudo, os que se associam à noção de aspecto como *sempre*, *ainda* e *logo*, embora não esteja excluída a possibilidade de inserção de formas mais estritamente temporais como *agora* ou *hoje*. A diferença mais evidente entre fala e escrita aparece na posição preferencial do aspectual iterativo *sempre*, mais freqüentemente situado na adjacência esquerda do verbo, na modalidade falada, e na adjacência direita, na modalidade escrita. Essa opção preferencial por PM1 na fala, e por PM2 na escrita, pode ser ainda confirmada em formas adverbiais como *agora* e *hoje*. O caráter mais seletivo de PM1 na língua escrita transparece ainda no número de advérbios licenciados nessa posição, restrito às formas *ainda*, *sempre* e *já*.

A preferência dos advérbios temporais pela margem esquerda da oração é reforçada pela fixação de ordem de alguns deles. Assim, advérbios seqüencializadores como *antes*, *depois* e formas adverbiais em *mente* (*recentemente*, *atualmente*) se restringem à margem esquerda da oração<sup>8</sup>.

Segundo a distribuição das freqüências da Tabela 1, os sintagmas preposicionais apresentam algumas particularidades. Na fala, reitera-se a predominância da margem esquerda com 46% e, de forma mais nítida do que a observada para os advérbios, escassa ocorrência desses constituintes entre sujeito e verbo (PM1). Não chega, porém, a haver diferença entre os índices associados a PM2 (22%) e margem direita da oração (25%). Na escrita, de forma diferente, verificam-se médias equivalentes para ME (margem esquerda = 41%) e PM2 (entre verbo e complemento = 40%), confirmando-se, assim, a tendência de baixa

freqüência de temporais em PM1 e na margem direita da oração nessa modalidade. Reitera-se, portanto, a acentuada propensão da escrita a explorar a adjacência direita do verbo, mesmo em configurações estruturais sujeitas a restrições impostas pelo princípio de coesão entre verbo e seus argumentos internos (cf. Tomlin 1986, Givón 2001, Tarallo et al., 1993).

Evidentemente, a tendência de proximidade entre sujeito e verbo pode ser apenas um reflexo da atuação de princípios funcionalistas mais gerais como propõem HAIMAN (1983), GIVÓN (2001). Haiman, por exemplo, pressupõe que a distância física entre dois elementos pode ser um índice do grau de distância conceitual entre eles resultando numa forma de configuração icônica. GIVÓN (2001) propõe uma regra de “proximidade e relevância” que envolve aspectos ligados à veiculação de informação, ou seja “partes conceptualmente relacionadas da informação são mantidas juntas numa proximidade espaço-temporal” (p.35). A postulação acima pode explicar, por exemplo, a tendência a situar os aspectuais em posições adjacentes, à esquerda ou à direita, ao verbo.

As tendências apontadas acima obscurecem, no entanto, uma questão importante, particularmente na escrita cuja amostra compreende textos de diferentes gêneros textuais (reportagens, editoriais e crônicas). Segundo os resultados da Tabela 2, a ordenação preferencial dos temporais se relativiza de acordo com o gênero considerado.

Tabela 2- Posição dos circunstanciais temporais por gênero textual

Gênero	Advérbios				Sintagmas preposicionais			
	ME	PM1	PM2	MD	ME	PM1	PM2	MD
Crônica	18 51,42%	3 8,57%	13 37,14%	1 2,85%	49 44,95%	7 6,42%	42 38,53%	11 10,09%
Reportagem	3 50%	3 50%	–	–	10 25,64%	1 2,56%	20 51,28%	8 20,51%
Editorial	9 75%	1 8,33%	1 8,33%	1 8,33%	31 62,00%	4 8%	13 26%	2 4%

Os resultados da Tabela 2 sugerem que os objetivos sociocomunicativos de cada um dos gêneros analisados intervêm na variabilidade de ordenação dos circunstanciais temporais. Mantidas as ressalvas necessá-

rias em razão do escasso número de advérbios, ressalta o comportamento mais específico das reportagens em que a variação fica restrita à margem esquerda e PM1. Nos editoriais e crônicas, diferentemente, os temporais seguem a tendência mais geral, colocando-se predominantemente na posição periférica mais à esquerda. Diferenças mais sutis aparecem também quando comparamos os índices relativos a PM2 nas crônicas e editoriais: o índice de advérbios temporais situados entre verbo e objeto nas primeiras é significativamente mais importante do que nos segundos.

Os resultados para sintagmas preposicionais reforçam o comportamento diferenciado das reportagens. Nesses textos, acentua-se a baixa exploração da margem esquerda, predominando a colocação de sintagmas preposicionais temporais entre verbo e complemento (PM2 = 51,28%). Destaca-se ainda um índice mais saliente de *Spreps* temporais na posição final da oração (20,51%).

Especificidades dos sintagmas preposicionais podem ser constatadas também no comportamento das crônicas e editoriais. Nos dois tipos de texto, mantém-se a predominância de temporais na margem esquerda, mas transparece maior exploração da adjacência direita do verbo.

Comparando-se os resultados para os dois tipos de circunstancial, os editoriais apresentam uma tendência mais regular, simétrica para advérbios e sintagmas preposicionais. Confrontando os resultados dos diferentes gêneros de escrita em relação aos verificados para a língua falada, os editoriais se destacam, inclusive, como o gênero jornalístico que mais se aproxima da tendência de situar constituintes temporais na periferia esquerda da oração.

Dentre os três gêneros de escrita considerados, as reportagens sobressaem como o gênero em que mais se enfraquece a tendência de situar os temporais na margem esquerda da oração, permitindo vislumbrar uma outra ordem não marcada, principalmente para os sintagmas preposicionais. Particularidades funcionais e de organização desse gênero, ao que tudo indica, favorecem ordenações menos freqüentes em outros gêneros textuais. Embora a questão mereça uma análise mais aprofundada, podemos avançar algumas hipóteses explicativas: as reportagens são, em geral, textos curtos, centrados sobre fatos e acontecimentos da atualidade, pressupostamente de interesse do leitor. Caracterizam-se, portanto, por um ideal de objetividade, com maior afastamento do

locutor, privilegiando as ações, os eventos e os participantes neles envolvidos. Além disso, trata-se de textos desenvolvidos predominantemente no modo narrativo em que a ordem cronológica das informações garante ela mesma o esquema seqüencial necessário ao desenvolvimento do texto (cf. ANTUNES 1998). Além disso, a maior importância dos participantes nesse gênero textual parece impor exigências de continuidade referencial que fazem com que o status informacional do sujeito prevaleça sobre o valor informacional dos demais constituintes da oração.

Não pode ser descartada, porém, a hipótese de que aspectos ligados à própria função dos circunstanciais estejam envolvidos nessa particularidade. Advérbios e sintagmas preposicionais pospostos possuem um escopo mais estrito, mais diretamente ligado à circunstanciação do estado de coisas descrito na predicação. Essa função é mais consoante aos objetivos das reportagens, em que sobressai a importância do fato e da sua localização temporal.

As particularidades destacadas acima colocam, evidentemente, alguns problemas para a identificação de uma ordem não marcada dos temporais, com base exclusivamente no critério de frequência, confirmando o que já afirmaram CROFT (1995), GIVÓN (1990), DRYER (1995) sobre a relatividade desse conceito quando se consideram diferentes formas de organização textual. Conjugando as especificidades apreendidas em função das variáveis modalidade e tipo de circunstancial, podem ser postuladas distintas hierarquias de marcação, segundo o esquema abaixo:

#### **Advérbios**

Fala – ME > PM1/PM2/ MD

Escrita – ME > PM2 > PM1 > MD

#### **SPreps**

Fala – ME > MD / PM2 > PM1

Escrita – ME/PM2 > MD > PM1

Além de mostrar as diferenças entre língua escrita e língua falada no que se refere às posições mediais, as escalas acima permitem apreender regularidades quanto às posições periféricas: de um lado, a predominância de temporais na margem esquerda e, de outro, a sua baixa frequência na periferia direita da oração.



Em consonância com os pressupostos do conceito de marcação, pode-se esperar que a ocorrência de temporais em posições internas e na margem direita da oração constitua infração de uma possibilidade “default” estando, portanto, associada a contextos mais específicos, pragmaticamente mais marcados. Adotando aqui a proposta de DRYER (1995, p. 112), podemos dizer que “a construction is pragmatically marked relative to another if the range of contexts in which it is appropriate is a proper subset of the set of contexts in which the unmarked construction is used.” Em outros termos, uma ordem marcada e uma ordem não marcada são motivadas por fatores discursivos distintos.

Outros estudos já apontaram um conjunto considerável de diferenças entre circunstanciais situados na periferia esquerda ou direita da oração. Assim, SCHAEER (2004) mostra que, no inglês, os temporais situados na margem esquerda possuem um escopo mais amplo, tendem a ser mais indeterminados e funcionam como estratégias de retomada anafórica. Os temporais situados na margem direita, ao contrário, possuem um escopo mais restrito e tendem a se ligar mais diretamente à estrutura interna dos eventos (cf. também PAIVA, no prelo). Na seção seguinte, consideramos a correlação entre posição e função do circunstancial.

### 3. Ordem não marcada e função do circunstancial

Numa visão mais clássica, os temporais, assim como os circunstanciais locativos, desempenham funções no domínio da dêixis e da anáfora, introduzindo coordenadas relativas ao ponto ou período temporal em que se situa um determinado estado de coisas, definido em termos do “agora do falante”, ou retomando informações propiciadas pelo próprio discurso. Assim, numa frase como:

- (9) Era o que desejavam os que fundaram o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês), **em fevereiro de 1962**. (LE, JB, 04/03/04)

O sintagma preposicional *em fevereiro de 1962* introduz uma coordenada dêitica, determinando o momento de ocorrência do fato descrito, a fundação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais. No exemplo em questão, a informação introduzida pelo adjunto temporal é nova, no sentido de não ter sido introduzida no discurso anterior, embora possa ser recuperada de conhecimentos compartilhados entre escritor e leitores.

Possui um escopo mais restrito, na medida em que se restringe à modificação do predicado da oração relativa.

Enquanto elemento de relação anafórica, os temporais desempenham papel relevante na construção da coesão discursiva, retomando informações já apresentadas no discurso anterior, como em (10).

(10) Fomos jogar. Estreamos na Europa, na Turquia. Nessa altura, eu era jogador e treinador, Eu era jogador, porque eu já tinha jogado em seleções cariocas, entendeu? Eu era um jogador de maior cartaz na equipe. (...) Bom, aí jogamos. **Na estréia**, perdemos de quatro a um. Uma vergonha! (LF- Amostra Censo 80, Fal. 14)

No exemplo (10), o sintagma preposicional *na estréia*, que situa o recorte temporal no qual se localiza o fato de perder o jogo, remete para o discurso antecedente, estabelecendo uma ligação entre o ponto do discurso e o estado de coisas *estreamos na Europa*. Além disso, o circunstancial sinaliza uma retomada de subtópico, interrompido por uma digressão do falante.

Numa perspectiva macro-discursiva, os circunstanciais temporais podem ser incluídos entre os recursos de estruturação textual, na medida em que sinalizam segmentação de unidades tópicas ou o início de um novo episódio (BROWN, YULE 1983; Van Dijk, 1982) ou a introdução de um novo “frame temporal” (CHAROLLES, 2003, 2005).

(11) Um dia depois do tumulto em Copacabana mataram mais um diretor do Complexo Penitenciário de Bangu e a sociedade sequer conseguiu saber quem afinal matou os outros que já morreram.

**Na madrugada de terça, dia 2 de março**, o secretário de Segurança saiu a passear pelas ruas da Zona Norte, acompanhado de uma corte capitaneada pelo próprio comandante da Polícia Militar, aquele que afastou o coronel Erir do comando de um batalhão por haver ele contrariado a vontade de um deputado estadual que quis proteger o crime.

Depois do passeio, o secretário falou em clima de tranquilidade. Não é verdade! O clima é de pavor! (LE-JB, 06/03/04)

No trecho acima, parte de uma crônica em que o autor critica a inépcia da polícia no controle de tumultos na cidade do Rio de Janeiro, os circunstanciais *na madrugada de terça e dia 2 de março*, marcam a introdução de um subtópico que focaliza especificamente a atuação do Secretário de Segurança, estabelecem um quadro de referência temporal em que

se situam os fatos a ele atribuídos. O sintagma estabelece uma fronteira discursiva, sinalizando para o ouvinte que, no ponto em que se encontra o constituinte temporal, se inicia uma nova unidade discursiva, um tema derivado. Nessa função segmentadora, os circunstanciais temporais possuem um escopo mais amplo, indexando um conjunto mais extenso de estados de coisas.

Uma forma mais específica dessa função segmentadora pode ser observada em contextos onde o circunstancial temporal estabelece uma fronteira entre planos discursivos distintos, sinalizando a passagem de um modo discursivo a outro<sup>9</sup>.

(12) Bom, aí jogamos. Na estréia, perdemos de quatro a um. Uma vergonha! E eu disse: “Bom, **no próximo jogo**, eu como treinador tenho que tomar uma posição de tirar aqueles que foram mal no jogo – no jogo, né?” Então eu fui, meti a cabeça no travesseiro e disse: “bom, quem é que eu vou tirar aí?, prá poder chegar, porque nós temos que vencer.” (LF – Amostra Censo 80, fal. 14)

No exemplo (12), o falante descreve o desfecho de um jogo de futebol do qual ele participou. A narrativa é interrompida pela introdução de um discurso direto, assinalado pela colocação, na margem esquerda da oração, de um sintagma preposicional temporal que estabelece uma fronteira entre dois planos discursivos.

Evidentemente, as funções discutidas até esse ponto não se excluem inteiramente. O mesmo constituinte circunstancial pode sobrepor várias funções, simultaneamente indicando as coordenadas temporais de um estado de coisas e assinalando a fronteira entre subtópicos ou planos discursivos.

Principalmente nos textos narrativos, estreitamente ligados à seqüencialidade temporal, os circunstanciais temporais constituem um recurso freqüente de demarcação de pontos ou períodos de tempo que se sucedem, como no trecho que se segue.

(13) Aí ela ficou **dois dia** na Santa Lúcia internada, **depois** foi prá casa fazer o resto do repouso em casa para **depois de quinze dias** fazer a cesária. Porque minha filha nasceu de oito meses e dois dias. (L F, Censo 80, Fal. 42)

O circunstancial temporal pode ainda introduzir uma informação que, em função dos objetivos argumentativos do falante ou do articulis-

ta, é focalizada, ou seja, apresentada como uma coordenada temporal que deve ser destacada no interior de um conjunto de coordenadas temporais possíveis. Restringimos essa função à presença de uma marca formal de focalização (só, somente), como no exemplo a seguir:

(14) Só *no domingo* ele ia lá. (LF, Censo80, Fal46)

Uma variante de focalização foi considerada separadamente. Trata-se dos casos em que o circunstancial introduz um contraste entre duas coordenadas temporais. A focalização de contraste estabelece uma oposição entre uma informação apresentada e uma informação alternativa explicitamente mencionada ou inferível seja do contexto anterior seja do conhecimento de mundo. No trecho seguinte, em que o cronista enumera as perdas e ganhos das mulheres com o movimento de liberação feminina, os dois momentos temporais contrastados são colocados de forma explícita pelo escritor.

(15) Em contrapartida, na lista de perdas, entra o desgaste da saúde provocado pela pressão do cotidiano. Doenças que antes eram tipicamente masculinas atingem hoje maior número de mulheres. **Na década de 70**, por exemplo, de cada 10 pessoas que sofriam enfarte, nove eram homens. *Em 2000*, a proporção quase se igualou: menos de 3 homens para cada enfarte feminino. No afã de conquistar espaço, abrimos mão de nossa condição singular e agora pagamos um alto preço por isso. (LE - JB- 08/03/04)

No exemplo (16), o segundo termo da relação de contraste não é explicitado pelo autor e só pode ser recuperado a partir da intervenção de condições pragmáticas, do conhecimento de mundo compartilhado pelo escritor e leitores.

(16) A informatização geral poderá permitir, por exemplo, o voto em trânsito sem maiores dificuldades, à semelhança do uso de um caixa eletrônico de banco, que **hoje** pode ser feito em praticamente qualquer ponto do país. (LE, O Globo, 19/10/03)

No trecho acima, o conhecimento da realidade, qual seja, da forma de funcionamento dos bancos, anteriormente utilizada no país, permite ao leitor recuperar o segundo termo da oposição introduzida pelo advérbio *hoje*: sabe-se que, até recentemente, não existiam caixas eletrônicos que pudessem propiciar a retirada de dinheiro em qualquer lugar.

A análise da correlação entre a posição do circunstancial temporal e a função por ele desempenhada aponta padrões ligeiramente diferenciados para advérbios e sintagmas preposicionais. Os resultados da Tabela 3, relativos aos advérbios, fornecem evidências positivas às hipóteses colocadas, mostrando que as posições pré-verbais, e em especial a margem esquerda da oração, estão associadas a contextos discursivos distintos do das posições pós-verbais.

Tabela 3- Correlação entre posição e função discursiva dos advérbios temporais

Função do circunstancial	Fala				Escrita			
	ME	PM1	PM2	MD	ME	PM1	PM2	MD
Retomada anafórica	6 60%	-	-	4 40%	6 75,00%	1 12,5%	1 12,55%	-
Especificação de predicação	28 26,66%	21 20,00%	24 22,85%	32 30,47%	6 28,58%	1 4,76%	13 61,90%	1 4,76%
Segmentação Tópica	20 86,96%	1 4,35%	-	2 8,69%	8 88,88%	-	1 11,12%	-
Mudança de plano Discursivo	7 70%	1 10%	2 20%	-	1 50%	1 50%	-	-
Demarcação de pontos	2 66,67%	-	-	1 33,34%	2 100%	-	-	-
Focalização	2 100%	-	-	-	1 100%	-	-	-
Contraste	27 71,06%	6 15,78%	3 7,89%	2 5,27%	2 66,67%	1 33,33%	-	-

Segundo a distribuição de freqüências da Tabela 3, os advérbios temporais que focalizam uma coordenada temporal são categoricamente colocados na periferia esquerda da oração tanto na fala como na escrita. A importância da margem esquerda da oração como um ponto de realização de funções associadas à organização discursiva, de forma convergente na fala e na escrita, se reitera nas altas freqüências de advérbios temporais que introduzem um foco de contraste (71,06% e 66,67% para fala e escrita, respectivamente). De forma análoga, os advérbios temporais que sinalizam segmentação tópica e os que demarcam pontos distin-

tos de uma seqüência temporal se situam mais freqüentemente na margem esquerda.

Confirma-se igualmente a hipótese de correlação entre posição e papel coesivo do circunstancial: os advérbios temporais que remetem para coordenadas temporais já mencionadas no discurso precedente tendem a se colocar em ME (60%, na fala, e 75%, na escrita).

A diferença mais sensível entre as duas modalidades se manifesta na posição dos advérbios temporais que sinalizam uma mudança de plano discursivo: na fala, eles são predominantemente situados em ME (70%), enquanto, na escrita, eles apresentam posição mais variável, oscilando entre ME e PM1.

No que se refere aos advérbios temporais de função mais circunscrita à oração, os que especificam uma predicação, transparecem igualmente algumas diferenças entre as duas modalidades. Embora, em ambas, esses advérbios apresentem flexibilidade mais acentuada, podendo ocupar todas as posições examinadas, eles se distinguem pela sua posição mais recorrente na fala e na escrita. Na primeira, não chega a haver diferença significativa entre os índices para margem direita (30,47%) e margem esquerda (26,66%). Na escrita, no entanto, se destaca o índice associado a PM2 (61,90%), embora seja considerável também a ocorrência desses advérbios temporais na posição mais à esquerda (28,58%). Explicita-se neste ponto a tendência, já constatada a partir da Tabela 1, de maior exploração da posição entre o verbo e seu argumento interno na escrita, mais restrita aos advérbios ligados à predicação.

Algumas das correlações depreendidas acima se confirmam para os sintagmas preposicionais temporais, embora se depreendam algumas particularidades desses constituintes, como mostram os resultados da Tabela 4.

Tabela 4- Correlação entre posição e função discursiva dos sintagmas preposicionais temporais

Função do	Fala				Escrita			
	ME	PM1	PM2	MD	ME	PM1	PM2	MD
Circunstancial								
Retomada anafórica	34 64,15%	8 15,09%	6 11,32%	5 9,43%	9 56,25	1 6,25%	4 25%	2 12,50%
Especificação de predicação	63 23,95%	13 4,94%	88 33,46%	99 37,64%	16 21,05%	1 1,31%	48 63,15%	11 14,47%
Segmentação Tópica	30 85,71%	1 2,85%	3 8,57	1 2,85%	32 82,05%	2 5,12%	4 10,25%	1 2,56%
Mudança de plano Discursivo	22 88%	1 4%	1 4%	1 4%	1 50%	-	1 50%	-
Demarcação de pontos	18 48,64%	1 2,70	10 27,02%	8 21,62%	-	4 50%	0	4 50%
Focalização	-	-	-	-	-	-	1 50%	1 50%
Contraste	17 58,62%	-	3 10,34%	9 31,03%	2 100%	-	-	-

A distribuição das freqüências da Tabela 4 aponta menor paralelismo entre as duas modalidades no que se refere aos sintagmas preposicionais. Por um lado, confirmam-se alguns padrões de correlação observados para os advérbios; por outro, podem ser depreendidas peculiaridades em função da modalidade. Assim, reitera-se a disposição sintagmática dos sintagmas preposicionais que sinalizam uma descontinuidade discursiva e daqueles que introduzem um foco de contraste, ambos situados predominantemente na margem esquerda da oração, tanto na fala como na escrita. Confirma-se igualmente a posição preferencial dos circunstanciais que procedem a remissões anafóricas, com freqüências significativamente mais altas para a margem esquerda, principalmente na língua falada. Persiste também a diferença entre as duas modalidades no que se refere aos circunstanciais que sinalizam uma mudança de plano discursivo: mais freqüentemente situados na margem esquerda na língua falada (88%), na escrita, apresentam a mesma chance de aterrisagem em ME e em PM2 (50%).

Podem ser observadas ainda diferenças na posição mais freqüente dos sintagmas preposicionais que procedem a uma focalização e daqueles que demarcam pontos de uma seqüência temporal. Distintamente do que se observou para os advérbios temporais, na escrita, Spreps temporais focalizados predominam em posições pospostas, seja em PM2 (50%) ou em MD (50%). Os Spreps que demarcam pontos distintos de um *continuum* temporal, por sua vez, são predominantemente antepostos na fala (48,64%) e manifestam maior flexibilidade na escrita, com índices equivalentes para PM1 e MD.

No que se refere aos sintagmas preposicionais que especificam uma predicação, a diferença mais sensível entre advérbios e sintagmas preposicionais pode ser observada na fala onde se verifica uma nítida oscilação dos Spreps temporais entre as duas posições pospostas: PM2, com 33,46% e margem direita, com 37,64%. Na língua escrita, reitera-se a preferência desse tipo de temporal pela adjacência direita do verbo (PM2= 63,15%).

Comparativamente, a correlação entre ordem de advérbios e posição parece ser mais transparente para advérbios do que para os sintagmas preposicionais, apesar da convergência entre eles no que diz respeito a funções fortemente marcadas como a de foco contrastivo e de sinalização de descontinuidade tópica (cf. GIVÓN, 1983). Uma explicação possível para algumas divergências é a própria extensão desses dois tipos de circunstancial: os sintagmas preposicionais possuem maior peso fonológico, são mais extensos do que os advérbios. A intervenção do princípio de quantidade, que prevê a posposição de constituintes mais extensos, principalmente sua localização na periferia direita da oração, se faz mais evidente na disposição sintagmática de Spreps. Nesse caso, uma certa opacidade nas restrições discursivas que operam sobre a flexibilidade dos circunstanciais poderia ser interpretada como uma decorrência de um conflito entre motivações distintas, resultando no privilégio de um aspecto mais formal (extensão) em detrimento de um aspecto semântico-discursivo.

#### 4. Interpretando as diferenças entre as modalidades

Do que foi visto até este ponto, poderíamos dizer que, apesar das diferenças, se destacam na análise convergências salientes entre as duas modalidades seja com relação à ordenação mais freqüente dos tempo-



rais seja com relação à forma como a variação na posição desses constituintes se acomoda às exigências discursivas.

As diferenças mais salientes entre as duas modalidades concernem principalmente as posições mediais, em especial a adjacência direita do verbo. O que, em outros termos, significa dizer que as restrições impostas pelo princípio de coesão entre verbo e argumento parecem operar de forma mais nítida na modalidade falada do que na modalidade escrita. Nessa modalidade, mesmo sintagmas preposicionais ou advérbios bastante extensos podem ocupar a posição Verbo-complemento, uma posição que na fala fica mais restrita a formas adverbiais menos extensas e que carregam uma noção aspectual.

Tudo leva a crer, portanto, numa maior sensibilidade da escrita a restrições de nível sintático. No entanto, o princípio de coesão, aparentemente uma restrição de nível sintático, pode ser re-interpretado em termos cognitivos-funcionais, envolvendo a forma de processamento da informação. Os processos mentais envolvidos na comunicação restringem o foco de atenção e a forma de integração de informações, desempenhando, portanto, um papel importante nas variações de ordem de palavras na oração. A “intromissão” de constituintes entre o verbo e o seu complemento pode tornar o processamento da informação mais lento ou mesmo comprometê-lo. As condições de produção da fala, baseadas em um processamento *on line*, são mais compatíveis com disposições sintagmáticas que não exijam a recuperação de elos sintático-semânticos entre elementos inter-dependentes e distanciados. Assim, o princípio de coesão impõe restrições que favorecem outras possibilidades sintagmáticas para os circunstanciais e agilizam o processamento da informação nessa modalidade.

De forma diferente, as condições de produção da escrita, baseadas numa forma de processamento *off line*, flexibilizam as exigências do princípio de coesão, dado que a recuperação dos elos sintático-semânticos é possibilitada pela própria forma de recepção da informação.

## Notas

<sup>1</sup> Tem-se de considerar igualmente a possibilidade de que o paradigma envolva mais de duas formas, o que leva, nesse caso, a hierarquias de marcação.

<sup>2</sup> Evidentemente, a distinção entre essas quatro possibilidades posicionais é, de certa forma, simplificadora, visto que, uma análise mais detalhada permite identificar um es-

pectro bem mais amplo de variação na posição desses constituintes.

- <sup>3</sup> Para a realização deste estudo, utilizamos uma parte das entrevistas que compõem a Amostra Censo 80, gravadas no período de 1980 a 1984 com falantes cariocas por pesquisadores do Programa de Estudos sobre o Uso da língua - PEUL
- <sup>4</sup> Esses textos compõem a amostra de língua escrita em jornais cariocas já detalhada na introdução desse livro.
- <sup>5</sup> Evidentemente tem que ser mantida uma certa cautela na comparação entre as modalidades, em função da acentuada diferença no número de dados, uma questão que se coloca principalmente para os advérbios.
- <sup>6</sup> É preciso destacar ainda que uma parte considerável das ocorrências de temporal na margem direita, convergentemente nas duas modalidades, se refere ao advérbio *cedo*.
- <sup>7</sup> Nessa posição foram incluídos também os advérbios que ocorrem entre dois complementos.
- <sup>8</sup> Por exigências da análise multivariacional, esses dados foram excluídos deste estudo assim como o advérbio *cedo* que, diferentemente dos demais, apresentou ocorrência categórica na margem direita da oração.
- <sup>9</sup> O termo plano discursivo está sendo utilizado aqui para se referir a mudanças no tipo de discurso, distinguindo-se, portanto, daquele que lhe é dado por Hopper (1979) no estudo da transitividade.

## Unmarked patterns of temporal adverbials: Regularities and differences between spoken and written language

**Abstract** – This article focuses on the variable position of temporal adverbials in spoken and written language. We show that, although there are similar patterns of variation in the two modalities, quantitative differences signal the interference of the particular production of each one. Concerning the unmarked position of temporal adverbials and also their contexts of use, special features associated to the modality of language, the type of adverbial (adverb or prepositional phrase) and the textual genre lead to different hierarchies of markedness.

**Key words** – Position. Variation. Adverbials. Spoken language. Written language.

## Referências bibliográficas

ANTUNES, I. C. Gêneros de texto: Uma via de abordagem das variações em língua escrita. *Graphos*. v. 3, n. 1. Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Idéia, 1998, p. 75-82.

BROWN, G.; YULE, D. *Discourse analysis*. New York: Cambridge University Press, 1983

CHAROLLES, M. De la topicalité des adverbiaux detachés en tête de phrase. In: PRÉVOST, S. (ed.), *Travaux de linguistique*, n. 47, *Adverbiaux et topiques*, p. 11-51, 2. sem. 2003.

\_\_\_\_\_. Framing adverbials and their role in discourse cohesion: From connexion to forward labelling. *Papers of the symposium on the exploration and modelling of meaning*, Biarritz, 2005.

COSTA, J.A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems. *Língua*, n. 114, p. 711-753, 2004..

CUNHA, C.F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro:MEC/FENAME, 1975.

CROFT, W. *Typology and universals*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DRYER, M.S. Frequency and pragmatically unmarked word order. In: DOWNING, P.; NOONAN, M. (ed.) *Word Order in Discourse*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 105-135.

FREITAS, M.A. *Adjuntos e adjunções em fronteiras de constituintes*. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2001.

GIVÓN, T. Topic continuity in discourse: an introduction. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Topic continuity in discourse*. Oregon: University of Oregon, 1983, p. 1-42.

\_\_\_\_\_. *Syntax: a functional typological introduction: v. 2*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1990-2001.

GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: \_\_\_\_\_. *Universals of language*. Cambridge: MIT Press, 1966, p. 40-70.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (ed.), *Syntax and semantics*, n. 12, *Discourse and syntax*, New York: Academic Press, 1979, p. 213-241.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do português falado*. Campinas: Fapesp/UNICAMP, 1990, p. 63-141.

MACEDO, A.M.N. DE; SANTANCHÉ, L.M. Reflexões sobre a sintaxe dos advérbios. *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 21-22, p. 15-38, 1998.

MARTELLOTA, M.E.T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: Uma visão funcional*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1993.

NEVES, M.H.M. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. v. 2: Níveis de análise lingüística. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 265-291

PAIVA, M. da C de . A ordem não marcada dos circunstanciais locativos. In: LINS, M. da P.; YACOVENCO, L. (orgs.) *Caminhos em Lingüística*. Vitória: NUPLES/DLL/UFES, 2002, p. 16-34.

\_\_\_\_\_. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, S J.; RONCARATI, C. *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: Uma homenagem acadêmica por sua contribuição relevante ao estudo do Português*. Rio de Janeiro: 7 Letras, no prelo.

PAYNE, D. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Pragmatics of word order flexibility*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins, 1992, p. 1-12

SHAER, B. Left/right contrasts among English temporal adverbs. In: AUSTIN, J.R.; ENGELBERG, S.; RAUH, G. (eds.) *Adverbials – the interplay between meaning, context, and syntactic structure*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins Co., 2004, p. 289-332.

SOBOKOWIAJ, W. On the logic of markedness arguments. Disponível em: [www.elex.amu.edu.pl/~sobkow/marked.htm](http://www.elex.amu.edu.pl/~sobkow/marked.htm), 2004.

TARALLO, F. et al. Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. v. 2: Níveis de análise lingüística. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 315-356.

TOMLIN, R. S. *Basic Word order: functional principles*. London/ Sydney/New Hampshire: Croom Helm, 1986.

VAN DIJK, T. A. Episodes as units of discourse analysis. In: TANNEN, D (ed.) *Analysing discourse: text and talk*. Washington: Georgetown University Press, 1982, p. 177-195.

Recebido e aprovado para publicação em maio 2007